



Esta obra está sob o direito de
Licença Creative Commons
Atribuição 4.0 Internacional.

METODOLOGIAS ATIVAS NO PROCESSO EDUCACIONAL: ESTRATÉGIAS DE ENSINO COM FOCO NO DESENVOLVIMENTO LÚDICO E CRIATIVO DOS ESTUDANTES

Rayane da Silva Pinto Aragão
Leilma da Silva Pinto Ferreira

RESUMO

O presente trabalho apresenta uma reflexão sobre a utilização de metodologias ativas na sala de aula como um processo que promove uma aprendizagem global para os estudantes, em contraste com a teoria tradicional, que modela o conhecimento. Para delimitar o objeto de estudo, o objetivo geral é investigar as contribuições das metodologias ativas no desenvolvimento educacional, para compreender seu impacto por meio de atividades práticas e com uso de recursos digitais. Entre os objetivos específicos, inicialmente, são selecionadas quatro metodologias ativas para descrição de como desenvolve-las em sala de aula. Em seguida, compara-se a abordagem tradicional com a construtivista, evidenciando as limitações da metodologia tradicional, que destaca o professor como detentor do conhecimento e põe os alunos como receptores de informações, diferentemente da construtivista, que trata o conhecimento social do aluno como importante mecanismo para desenvolver a aprendizagem crítica. Por fim, identifica-se a importância das práticas inovadoras na educação contemporânea, com efeito de valorização do conhecimento do aluno no seu desenvolvimento cognitivo, crítico e argumentativo. O trabalho adota uma metodologia bibliográfica por meio da revisão literária, além de uma abordagem descritiva de como as práticas são desenvolvidas, e narrativa, pois narra contextos e métodos aplicados. A pesquisa analisou práticas ativas que são realizadas na atualidade e foram obtidos resultados positivos quanto a aprendizagem dos estudantes. Conclui-se que as metodologias ativas representam estratégias eficazes no ensino, estimulando a participação interativa dos alunos, viabilizando autoconfiança, incentivando o diálogo e contribuindo para a formação de indivíduos críticos na sociedade.

Palavras-chave: Educação construtivista; Educação tradicional; metodologias ativas; criticidade

INTRODUÇÃO

A sala de aula é um espaço de descobertas significativas e compartilhamento de aprendizagens, que através das estratégias de ensino propiciam uma educação transformadora. Com isso, os professores da sociedade atual no processo educacional envolvem diversos métodos com fator investigativo do desenvolvimento dos estudantes em sala de aula. Dentre isso, pode-se destacar as metodologias ativas que funcionam como estratégias favorecedoras no campo crítico e reflexivo, são elas: sala de aula invertida, gamificação, aprendizado por projetos, estudos de caso, entre outras.

Dessa forma, vale ressaltar que as metodologias ativas de aprendizagem proporcionam um aprendizado autônomo e participativo, fazendo com que os alunos reflitam sobre procedimentos, resolução de problemas e dificuldades em determinados conteúdos abordados pelos docentes. Ademais, o estudo prático gera dinamismo e interação entre os discentes concatenando a teoria com a prática.

Nessa perspectiva, o planejamento composto por práticas ativas estimula aos alunos a uma participação interativa por meio de grupos escolares, acompanhando sempre o bom desenvolvimento socioemocional. A partir dessas mudanças

na educação o professor deixa de ser o centro e se torna um mediador da aprendizagem. Conforme frisa Cristiane Elizete Fiorese e Maria Teresa Ceron Treviso (2024)

Nesse sentido, tais mudanças impulsionam a renovação e a ressignificação da docência por meio da incorporação de novas formas de pensar e realizar a prática pedagógica em um processo de inovação, levando os professores a ampliarem suas concepções, a repensarem e reinventarem suas atividades educativas. A inovação tem sido uma constante discussão em todos os níveis de ensino, especialmente na educação superior, visando superar a pedagogia tradicional baseada na reprodução de conhecimento a partir de uma prática inovadora, que promova a produção de conhecimento (Fiorese; Treviso 2024, p. 03).

Diante do frisado acima, se torna perceptível a importância de ampliar inovações em sala de aula, trazendo um contexto atual mais ativo e pondo o aluno no centro e o professor como mediador da criticidade. Pelo contrário da pedagogia tradicional, em que o aluno era tido como receptor e o professor no controle do ensino.

Dessa maneira, neste trabalho, pretende-se debater sobre as diversas metodologias ativas e a importância dessas

estratégias inovadoras no processo de aprendizagem contínua dos estudantes. Este artigo científico teve sustentação em uma pesquisa de mestrado em ciências da educação, como meio investigativo sobre a determinada temática abordada.

Como objetivo geral destaca-se, investigar as contribuições das metodologias ativas no desenvolvimento educacional.

Os objetivos específicos

Descrever as metodologias ativas utilizadas em sala de aula;

Comparar os métodos tradicionais com os construtivistas;

Identificar a importância das práticas inovadoras na educação atual.

Para sustentação investigativa serão utilizados os seguintes teóricos: Bergmann e Sams (2017) na descrição da formação da aprendizagem do ser humano, Berbel (2011) sobre a importância do professor no processo mediador, Freire (2003) sobre o conhecimento e as propostas educacionais, Berbel (2018) com discussão sobre as metodologias ativas. Pereira; Silva (2014), Patto (1999) apud Leão (1990) e Antunes (2010) Apud Duarte (2018) para descrever a metodologia tradicional como pedagogia irrelevante no contexto atual. Nunes (1990) para descrever o ensino construtivista.

A presente pesquisa apresenta-se como bibliográfica, pois utilizou-se da revisão literária em periódicos na internet para obtenção dos resultados, também descritiva, pois descreve as metodologias ativas utilizadas em sala de aula por meio de embasamento teórico em artigos científicos. Evidencia-se, também, a narrativa, pois lida-se com estudos observacionais, analíticos e transversais para uma análise e conclusão sobre o objeto estudado.

Portanto, para compreensão da importância das metodologias ativas foram realizadas pesquisas em livros, artigos publicados em revistas eletrônicas, no google acadêmico, SciELO (*Scientific Electronic Library Online*) para embasamento teórico e metodológico sobre o desenvolvimento e resultado da pesquisa.

METODOLOGIAS ATIVAS

Atualmente, as ferramentas tecnológicas estão facilitando a busca por informações e aprimorando as estratégias de aulas lúdicas e interativas. Com o uso do meio digital, as aulas tornam-se atrativas para a nova geração de alunos, que estão adentrados nessa modernidade digital. Na Base Nacional Comum Curricular- BNCC, destaca-se a importância da cultura digital

para a aprendizagem que envolve a ética e o pensamento crítico mediante a sociedade.

De acordo com a BNCC:

cultura digital: envolve aprendizagens voltadas a uma participação mais consciente e democrática por meio das tecnologias digitais, o que supõe a compreensão dos impactos da revolução digital e dos avanços do mundo digital na sociedade contemporânea, a construção de uma atitude crítica, ética e responsável em relação à multiplicidade de ofertas midiáticas e digitais, aos usos possíveis das diferentes tecnologias e aos conteúdos por elas veiculados, e, também, à fluência no uso da tecnologia digital para expressão de soluções e manifestações culturais de forma contextualizada e crítica (Brasil, 2017, p. 474).

Em concordância com o destaque acima, retirado da BNCC, compreende-se que a cultura digital proporciona impactos positivos em relação ao conhecimento dos estudantes, preparando as relações éticas, críticas e gerando responsabilidades aos cidadãos, pois é possível conhecer as vantagens e desvantagens que essas tecnologias podem trazer a sociedade. Dessa forma, possibilita ao professor, utilizar estratégias dinâmicas e atrativas para trabalhar em sala de aula.

Desse modo, pode-se destacar a sala de aula invertida como importante metodologia, que faz uso das ferramentas tecnológicas para desenvolvimento da aula. Pode-se descrever essa determinada metodologia como uma inversão na sala de aula, sendo que o professor passa a ocupar o lugar de mediador e o aluno o protagonista da aprendizagem. Nesse sentido, essa metodologia envolve os alunos na busca por informações do conteúdo a ser trabalhado, em que eles podem aprofundar os conhecimentos por meio de resumos na internet, vídeo-aulas, livros didáticos, materiais redigidos pelos professores e até suporte virtualmente por meio de vídeo conferência para direcionamentos. Segundo Bergmann e Sams (2017)

Nas atividades presenciais, o papel dos atores sociais protagonistas do espaço-tempo da sala de aula muda, quando comparado ao ensino tradicional. Os estudantes passam a ter um papel ativo no processo de aprendizagem. Isso é possível devido ao fato do estudante ter tido, previamente, contato prévio com o conteúdo, abrindo espaço para que a aula se torne um locus de aprendizagem ativa, com o auxílio e supervisão do professor (Bergman; Sams, 2017. p. 03).

De acordo com Bergmann e Sams (2017, p. 3) a inversão da sala de aula estimula alunos a se tornarem ativos, expondo pensamentos críticos, debatendo entre colegas e recebendo mediação do professor, que pode estar supervisionar atividades, propor debates e responder as perguntas que surjam no decorrer da aula e em casa. Assim, o cenário se torna inovador, fugindo totalmente do ensino tradicional, que os professores eram autores e detentores de todo saber.

No momento da aplicabilidade da prática ativa, o aluno ocupa a parte central da sala para exposição crítica do que foi aprendido por meio de estudos aprofundados, porém sempre norteado pelo professor regente, que dialoga junto aos alunos de forma presencial e ou virtual. A partir disso, nota-se o protagonismo e a independência dos alunos em relação aos conteúdos, pois eles estudam antecipadamente, sanam dúvidas que possam surgir, desenvolvem a autoconfiança e as suas potencialidades. Por isso, Paulo Freire (1996) destaca a essencialidade de repensar as práticas ativas em sala de aula.

Por isso é que, na formação permanente dos professores, o momento fundamental é o da reflexão crítica sobre a prática. É pensando criticamente a prática de

ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática. O próprio discurso teórico, necessário à reflexão crítica, tem de ser de tal modo concreto que quase se confunda com a prática. O seu “distanciamento” epistemológico da prática enquanto objeto de sua análise, deve dela “aproximá-lo” ao máximo. Quanto melhor faça esta operação tanto mais inteligência ganha da prática em análise e maior comunicabilidade exerce em torno da superação da ingenuidade pela rigorosidade (Freire, 1996, p. 21).

Em suma, a prática ativa se torna peça fundamental para se utilizar em sala de aula, pois possibilita inovações e levantamentos críticos com os alunos sobre a sociedade. Diante do pensamento de Berbel (2011, p. 26) “Na escola, o professor é o grande intermediador desse trabalho, e ele tanto pode contribuir para a promoção de autonomia dos alunos como para a manutenção de comportamentos de controle sobre os mesmos”. Os alunos são estimulados ao conhecimento por meio de estímulos gerados por seus professores, ou seja, cada professor deve valorizar cada engajamento e curiosidades despertadas pelos estudantes, para assim se sentirem capazes e autoconfiantes na capacidade de alcançarem os descritores e a autonomia dos estudos.

Outra metodologia eficiente na sala de aula é a *gamificação*, ou seja, são realizadas atividades por meio de jogos que podem ser analógicos como por exemplo o tabuleiro, jogo de cartas, memorização, atividades premiadas, perguntas sorteadas e os digitais que são os *quizzes* interativos, jogo da memória on-line e entre outros. Vale ressaltar que esses jogos podem ser realizados por meio de formações de grupos para batalhas de aprendizagem, individuais para obter o *ranking* de cada participante ou em duplas e trios. Cada atividade tem uma intencionalidade em que busca alcançar diferentes evoluções dos estudantes, sejam no entretenimento e na aprendizagem de conteúdos de forma que eles não sejam obrigados a participar, mas sejam estimulados a sentirem vontade de adentrarem na dinâmica. Como frisa Murr; Ferrari (2020, p. 07)

É importante compreender, no entanto, que não se trata simplesmente do uso de jogos. Utilizar um jogo qualquer para explicar um conceito não se enquadra, atualmente, no entendimento dos pesquisadores sobre gamificação. Ela não envolve necessariamente a participação em um jogo, mas aproveita, dos jogos, os elementos que produzem os benefícios. A gamificação usa a estética, a estrutura, a forma de raciocinar presente nos games, tendo como resultado tanto motivar ações

como promover aprendizagens ou resolver problemas, utilizando as estratégias que tornam o game interessante. Estas são as mesmas usadas para resolver problemas internos ao jogo, mas em situações reais (Murr; Ferrari, 2020, p. 07).

Por isso, é fundamental a elaboração de um planejamento com o método de gamificação, pois os alunos não apenas estão se divertindo, mas sanando dúvidas referentes ao conteúdo. Assim, o cenário da sala de aula é transformado, trazendo a participação colaborativa dos estudantes e garantido um progresso eficiente em questões complexas e que envolvam as diferentes áreas do conhecimento.

A metodologia da aprendizagem por projetos envolve a prática como meio gerador do conhecimento. Ela foi estudada, inicialmente, pelo filósofo e pedagogo John Dewey, que defendia a pedagogia progressista, ou seja, o conhecimento do aluno é formado de acordo com seu convívio social e suas experiências do cotidiano. De acordo com isso, destaca Masson et al (2012, p. 02) “O desenvolvimento da metodologia da aprendizagem baseada em projetos teve suas origens em 1900, quando o filósofo americano John Dewey (1859 – 1952) comprovou o “aprender mediante o fazer”.

Nesse sentido, essa metodologia é desenvolvida por meio da competência já adquirida pelo aluno em seu contexto social, e a partir disso são lançados problemas para que eles analisem e reflitam sobre como solucionar o determinado obstáculo. A partir disso, eles investigam por meio de pesquisas, estudos de caso, abordam temáticas juntos aos professores, praticam a possível solução e conseguem a elucidação o desafio. Essa dinamicidade de conteúdo, aprendendo fazendo, faz com que os discentes sejam críticos e construtivos do meio educacional diretamente para a sociedade.

O estudo de caso destaca-se como uma metodologia de aprofundamento de conteúdos de forma intensiva com o intuito de obter conhecimento sobre determinada problemática e argumentar criticamente sobre pontos importantes. Nessa metodologia são abordados problemas organizados pelos professores ou até mesmo elaborados pelos próprios alunos com a finalidade resolutive, em que são analisados de forma individual ou por meio de equipes para levantamento de soluções para o determinado problema que afeta a sociedade.

A partir dessa prática de estudo, os alunos se tornam cidadãos críticos, pois observam problemas sociais, apontam as

possíveis causas e consequências, interagem de forma coletiva, argumentam e abordam estratégias com finalidade resolutive. Segundo Spricigo (2014, p. 01)

O estudo de caso envolve a abordagem de conteúdo por intermédio do estudo de situações de contexto real, as quais são denominadas “casos”. Pressupõe a participação ativa do estudante na resolução de questões relativas ao caso, normalmente em um ambiente colaborativo com seus pares. Apesar de poder ser resolvido individualmente, uma das maiores riquezas dessa abordagem de ensino é a interação pedagógica que promove mudanças significativas na sala de aula. Trata-se de uma abordagem ativa e colaborativa, que promove o desenvolvimento da autonomia e da metacognição, quando conduzido de forma apropriada (Spricigo, 2014, p 01).

Nessa perspectiva, compreende-se, que por meio da metodologia citada acima, há uma interação dos estudantes com abordagens significativas sobre problemáticas que acontecem em seus contextos sociais, ou seja, estão desenvolvendo competências críticas e interacionistas na sala de aula por meio do cotidiano. Com isso, o aluno contextualiza conteúdos escolares com o meio social e refletem sobre melhorias.

EDUCAÇÃO TRADICIONAL EM PARALELO COM A EDUCAÇÃO CONSTRUTIVISTA

A teoria de ensino tradicional é tida como um ensino modelador e repetitivo, visando a transmissão de conhecimento passado pelo professor de uma forma central e superior, sem visar a diversidade de comportamentos que compõem a sala de aula. O aluno é caracterizado como um ser passivo e receptor da aprendizagem sem posicionamento argumentativo sobre determinada questão imposta, uma vez que nessa pedagogia o único capaz de transmitir conhecimento é o professor. Nesse método de ensino, o professor comanda a aula de forma expositiva, sem recursos práticos, tecnológicos e também não instiga o aluno ao dialogismo crítico e ao protagonismo, pois na educação tradicional o aluno é posto como uma figura passiva de conhecimento e sem experiências sociais a serem desenvolvidas.

De acordo com Patto (1999, p. 188) apud Leão (1990, p.188), a educação tradicional surgiu no início da educação formal com as metodologias limitadoras, repetitivas e autoritárias, porém desenvolveu-se com amplitude no século XX, pois foi quando surgiu a implantação da educação pública como direito de todos os cidadãos.

Com essa metodologia de ensino o aluno aprendia de uma forma mecânica e com isso gerava a memorização passageira, sem desenvolvimento das habilidades cognitivas e a compreensão do contexto social. Os alunos eram tratados como partes similares, em que não visava as individualidades e a forma como cada um aprendia no contexto escolar. Dessa forma, as avaliações eram postas como determinadoras da aprendizagem de uma forma quantitativa, ou seja, o professor elaborava uma prova com questões avaliativas sobre o conteúdo passado e esperava-se que as respostas fossem transcritas de maneira padronizada e memorizada. Esse padrão avaliativo não analisava as experiências trazidas pelos alunos com seus questionamentos críticos. Conforme Antunes (2010, p. 17) Apud Duarte (2018, p 2)

(...) Nessa visão de ensino aplaudia-se o silêncio, e a imobilidade do aluno e a sapiência do mestre, além de se pensar o conhecimento como informações pré-organizadas e concluídas que se passavam de uma pessoa para outra, portanto, de fora para dentro, do mestre para o estudante. Ensinar significava difundir o conhecimento, impondo normas e convenções para que os alunos o assimilassem. Estes levavam para a escola a boca – porque da mesma não podia se separar – mas toda a

aprendizagem dependia do ouvido, reforçado pela mão na tarefa de copiar. (...) Excelente professor era o que mais sabia e não quem melhor ensinava, pois a aprendizagem era uma responsabilidade do aluno e se este não a conquistasse, que repetisse o ano tantas vezes quanto necessário ou quando pudesse resistir” (Antunes 2010, p 17 apud Duarte 2018, p. 2).

Diante dessa concepção de ensino tradicional, percebe-se a privação da liberdade de opinião do aluno perante a sala de aula, pois o professor detinha de todo conhecimento a ser exposto com informações pré-organizadas que eram repassadas para os alunos. As tarefas mais importantes eram as de copiar o que era escrito no quadro e ouvir sem a possibilidade de autonomia crítica e reflexiva, mediante o contexto e os aprendizados trazidos do social de cada estudante.

Em paralelo com a educação construtivista, criada por Jean Piaget, observa-se a distinção entre essas duas teorias, já que a tradicional visa a memorização dos conteúdos com foco na aprendizagem individual, diferentemente da construtivista que põe o aluno no centro da aprendizagem com praticidade na dinâmica de passar conteúdo das diversas áreas do conhecimento, que fogem

totalmente da aprendizagem copista e passiva. Conforme Piaget 1967/1973a: 15 apud Sanchis; Mahfoud (2007, p. 167) “Conhecer não consiste, com efeito, em copiar o real, mas em agir sobre ele e transformá-lo”. O professor leciona de forma prática com materiais de apoio no interesse de desenvolver o socioemocional e a aprendizagem coletiva dos estudantes, respeitando cada individualidade.

O papel do professor na teoria construtivista é de mediador da aprendizagem, possibilitando intervenções no processo de ensino. Em oposição a educação tradicional, o aluno se torna centro do ensino-aprendizagem, com reflexões acerca de conhecimentos já adquiridos antes mesmo da educação formal, ou seja, essa teoria fornece possibilidades construtivas, para que o aluno tenha autonomia argumentativa, reflexiva e com questionamentos sobre a melhor forma de aprender de acordo com o seu fundamento social. Afirmam Sanchis e Mahfoud (2007, p. 167)

A palavra construtivismo se refere exatamente a essa relação entre a estrutura e o processo que permite a transformação da própria estrutura. E esse processo se funda na interação entre o sujeito e o objeto, o que faz com que as estruturas sejam construídas ao mesmo tempo pelos dois, ou

melhor, pela relação estabelecida entre eles. A interação é mediada pela ação do sujeito (Sanchis; Mahfoud, 2007, p 167).

Em concordância com isso, ressalta-se a importância dos quatro estágios do desenvolvimento, que se inicia com o sensório-motor de 0 a 2 anos, fase antecedente a linguagem, que traz o desenvolvimento da percepção. A segunda fase identifica-se como pré-operatório, percorrendo dos 2 aos 7 anos, em que possibilita o desenvolvimento da linguagem e aperfeiçoamento da capacidade de narrar histórias; A terceira fase destaca-se como operatório concreto, que vai dos 7 aos 11 anos, promovendo ao indivíduo o desenvolvimento dos problemas lógicos mediante suas experiências; como último estágio evidencia-se o operatório formal que se inicia aos 11 anos de idade e percorre a fase adulta. Nessa fase, a criança aprimora o seu conhecimento formal, conseguindo autonomia no seu discurso e sendo crítico na argumentação.

Por isso, a formação da aprendizagem é proposta por meio da interação do indivíduo com o campo de experiência já formado por ele, sendo construídos paulatinamente conforme os estágios do desenvolvimento. Nesse processo construtivo o aluno alcança

autonomia participativa e a formação global do raciocínio.

2.1 As desvantagens do ensino tradicional

Nos dias atuais o avanço tecnológico ganhou espaço na sala de aula, proporcionando a facilidade de acesso a informações inéditas de conteúdos que liga as múltiplas áreas do conhecimento. Com essa disponibilidade de ferramentas no cotidiano dos alunos faz com que as aulas sejam inovadas com gamificações, pesquisas na internet, debates críticos com estudos antecédidos e facilitados por vídeo-aulas, entre outros. Por isso, compreende-se que a educação tradicional não traz possibilidades de avanços no aprendizado dos alunos, pois esse método tem a finalidade de tornar alunos receptores de informações, sem autonomia construtiva.

Nesse viés, os indivíduos ficam subordinados aos ensinamentos do professor como detentor de todo o saber e limitados a apenas o que foi ensinado de forma decorada, o que acarreta a não valorização das experiências sociais dos alunos com um teor investigativo sobre determinados problemas sociais. Dessa forma, são inúmeras desvantagens que o ensino tradicional viabiliza, como por exemplo: a decoração passageira e ao esquecimento de conteúdo, ao estudante

passivo, copista e receptor no ensino-aprendizagem, falta de argumentação, a falta de diálogo em grupo, entre a falta de desenvolvimento das habilidades cognitivas e socioemocionais, não inclusiva, etc. De acordo com Pereira; Silva (2014, p. 2)

Um dos grandes problemas encontrados na metodologia tradicional de ensino é a falta de interação entre sujeito e objeto, a falta de diálogo entre professor e aluno, pois muitas vezes o assunto exposto não faz dimensão alguma com a realidade do aluno presente, causando assim uma distância no ensino do professor e na aprendizagem do estudante. (Pereira; Silva, 2014, p. 2)

Assim, analisando o destaque acima, compreende-se que no ensino tradicional não há interação com o campo de experiência dos indivíduos, em que foge do contexto cultural e social que eles estão inseridos. A falta de diálogo entre professor e aluno gera a omissão do aluno no ensino-aprendizagem, pois ele não sana dúvidas, realiza interferências e interpretações sobre problemáticas cotidianas. Seguindo essa rotina, o raciocínio não é estimulado a criticidade, fazendo com que o aluno se sinta incapaz de promover o protagonismo na escola.

2.2 As vantagens do ensino construtivista

De acordo com o que foi discutido durante o trabalho sobre o ensino construtivista, possibilitou um entendimento sobre as metodologias utilizadas para trabalhar de maneira construtiva e inovadora, permitindo conhecimentos acerca das diversas áreas do conhecimento de maneira lúdica e atrativa. Com a interação sobre o contexto social é possível aproximar o aluno da própria realidade a qual está inserido, trazendo conhecimentos aos quais ele consegue argumentar, aliás, trabalhando mediante o que ele já sabe facilita a construção de novas aprendizagens.

Nesse modelo de ensino o professor sai do espaço central e ocupa o papel de mediador da aprendizagem, por meio de estímulos como os debates em sala de aula, organização de grupos de pesquisa, metodologias da gamificação, sala de aula invertida, cultura *maker* e entre outras metodologias ativas que são capazes de tornar alunos ativos. Com esse papel do professor, o aluno se torna protagonista da própria aprendizagem, pois ele não mais espera o conteúdo, mas além dos norteamentos do professor ele faz suas próprias buscas por meio de *hiperlinks* na internet, em vídeo-aulas, *podcast*, mapas mentais e entre outros suportes digitais. A partir dessas buscas ativas, o estudante

sente-se estimulado e seguro para expor seu pensamento crítico, de forma coletiva e dialogada com o professor e colegas da sala de aula.

Nesse sentido, conforme Nunes (1990, p. 22) o ensino construtivista acontece por meio da conversação do aluno no seu social, assim, possibilitando que as atividades sejam organizadas mediante conhecimento prévio e facilidade de aprendizagem do aluno, ou seja, a estrutura cognitiva do aluno ajuda ao professor entender a melhor forma de como utilizar as metodologias, para que o objeto de conhecimento seja compreendido pelo estudante. Portanto, compreende-se que o aluno não adquire estruturas do conhecimento biologicamente, mas são construídas a partir de contatos entre o objeto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho possibilitou uma investigação no uso das metodologias ativas e as contribuições efetivas no desenvolvimento educacional, em que se fez necessário analisar diversos artigos científicos, dissertações e resenhas em sites na internet, que se relacionassem com a problemática estudada para obter embasamento teórico para compor esse estudo sobre métodos os métodos ativos na sala de aula, as desvantagens do ensino

tradicional e as vantagens do ensino construtivista que visam uma educação focada no desenvolvimento cognitivo, crítico e argumentativo dos indivíduos.

No viés da temática, destacou-se como objetivo geral, investigar as contribuições das metodologias ativas no desenvolvimento educacional, em que foi localizada a importância das novas tecnologias para o desenvolvimento de metodologias ativas em sala de aula, pois com acesso a recursos digitais possibilita um campo amplo para pesquisas, estudos e planejamentos, práticas com jogos digitais, entre outros. Com o uso das ferramentas tecnológicas, torna-se acessível elevar o dinamismo e a interação dos alunos de uma forma peculiar a cada individualidade, gerando uma aula atrativa e construtiva.

A partir disso, fez-se importante lançar objetivos específicos que foram alcançados durante a pesquisa, cita-se o primeiro: descrever as metodologias ativas utilizadas em sala de aula, em que houve a seleção e detalhamento das importantes atividades práticas que são desenvolvidas em sala de aula. Nesse momento, houve a separação de quatro metodologias mais corriqueiras, a citar-se a sala de aula invertida, gamificação, aprendizagem por projetos e estudo de caso, com a descrição minuciosa de desenvolvimento dessas

determinadas dinâmicas em sala de aula. Também, a descrição de como os professores agem no norteamento dessas atividades e do protagonismo que os alunos desenvolvem na escola.

Em segundo objetivo destacou-se, comparar os métodos tradicionais com os construtivistas. A partir desse direcionamento, foi possível localizar a distinção, desvantagens e vantagens dessas duas pedagogias na construção da aprendizagem dos estudantes. Diante das análises comparativas, alcançou-se um entendimento da teoria tradicional como um ensino rígido, que visa a transmissão de conhecimentos apenas vindo do professor, que toma o comando de todos os conteúdos e insere o aluno em um papel de receptor, aprendiz por repetição e sem liberdade de expor o pensamento crítico e argumentativo.

Em paralelo com o ensino construtivista, obteve-se ideias distintas, pois esse ensino proporciona visibilidade ao aluno, tornando-o peça fundamental na sua aprendizagem por meio de debates críticos, interação entre professor e aluno, uso de recursos digitais e pedagógicos, também, privilegia o conhecimento que o aluno já obteve mediante o contexto social. A partir disso, lança estratégias de ensino que consiga abranger, de forma interativa e

coletiva, cada experiência que já existe no cognitivo dos estudantes. Assim, comprova-se que o professor deixa de ser o centro do saber e se torna mediador no processo de ensino-aprendizagem.

Como terceiro objetivo específico, destacou-se, identificar a importância das práticas inovadoras na educação atual, que por meio disso, constatou o desenvolvimento crítico e a autoconfiança dos estudantes que são estimulados à participação da sala de aula invertida, em que eles estudam antecipadamente o conteúdo, são norteados pelo professor, assistem à vídeo-aulas e fazem diversas pesquisas para conhecimento do objeto. Da mesma forma quando realizam atividades em forma de jogo, pois sentem-se determinados a vencer obstáculos e conseguem uma ótima pontuação. As práticas ativas estimulam aos alunos a participarem das atividades com engajamento e despertam a autoconfiança.

Portanto, com o traçar dos objetivos, compreendeu-se que as metodologias ativas são estratégias essenciais para se utilizar em sala de aula, com intencionalidades específicas para cada necessidade do aluno. O ensino tradicional ficou entendida como uma metodologia arcaica, que se torna desestimuladora para o ensino-aprendizagem, pois mantém o professor no

centro e o aluno subordinado àquele conhecimento passado. Diferentemente da teoria tradicional assimilou-se a importância da teoria construtivista, que foca totalmente no aluno, valorizando seus conhecimentos prévios para continuar na disseminação do pensamento crítico em sala de aula.

REFERÊNCIAS

- BERBEL, N. A. N. As Metodologias Ativas e a Promoção da Autonomia de Estudantes. **Semina: Ciências Sociais e Humanas**, Londrina, v. 32, n. 1, p. 25-40, jan./jun. 2011.
- BERGMANN, Jonathan; SAMS, Aaron. Sala de aula invertida: uma metodologia ativa de aprendizagem. **Revista Ensaio**, Belo Horizonte, v.19, e2835, 2017. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/epec/a/3KTJLqNJLmZzC3qfczL3L8d/?format=pdf> Acesso em: 01 de mar de 2025.
- BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular-BNCC**. Brasília, 2017. Disponível em: https://www.gov.br/mec/pt-br/escola-em-tempo-integral/BNCC_EI_EF_110518_versaofinal.pdf Acesso em: 04 de ago de 2023.
- DUARTE, Sérgio Martins. OS IMPACTOS DO MODELO TRADICIONAL DE ENSINO NA TRANSPOSIÇÃO DIDÁTICA E NO FRACASSO ESCOLAR. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 135 p. 2018
- FIORESE, Cristiane Elizete; TREVISIO, Maria Tereza Ceron. PRÁTICAS PEDAGÓGICAS INOVADORAS: CRITÉRIOS ATRIBUÍDOS POR PROFESSORES(AS) FORMADORES(AS) QUE ATUAM EM CURSOS DE PEDAGOGIA. *Educação em Revista*, Belo Horizonte, v.40, e45698, 2024. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/edur/a/ZW6SBbq4sVTGpqD6VdNPbtD/?format=pdf&lang=pt> Acesso em: 27 de fev de 2025.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: saberes necessários à prática educativa. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – (Coleção Leitura) Arquivo PDF. Disponível em: <https://nepegeo.paginas.ufsc.br/files/2018/11/Pedagogia-da-Autonomia-Paulo-Freire.pdf> Acesso em 01 de mar de 2025.
- LEÃO, Denise Maria Maciel. PARADIGMAS CONTEMPORÂNEOS DE EDUCAÇÃO: ESCOLA

TRADICIONAL E ESCOLA CONSTRUTIVISTA. Universidade Federal do Ceará- FAGED/UFC. Cadernos de Pesquisa, nº 107, p. 187-206, julho/1999.

MASSON, Terezinha Jocelen, et al. Metodologia de ensino: aprendizagem baseada em projetos (PBL). **Cobenge**, XL Congresso Brasileiro de Educação e Engenharia. Belém do Pará, Brasil, 2012. Disponível em: <http://www.abenge.org.br/cobenge/legado/arquivos/7/artigos/104325.pdf>. Acesso em: 12 set. 2023.

MURR, Caroline Elisa; FERRARI, Gabriel. **Entendendo e Aplicando a gamificação**: o que é, para que serve, potencialidades e desafios. Florianópolis: UFSC, UAB, 36 p. 2020.

NUNES, Terezinha. Construtivismo e Alfabetização: Um balanço crítico. Educ. Rev., Belo Horizonte (12): 33-43, 1990. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/edrevista/article/view/43562/34176> Acesso em: 07 de mar de 2025.

PEREIRA, Renata de Lima; Silva, Alessandra Gomes da. Crítica a Metodologia Tradicional Expositiva.

UEPB, 2014. Disponível em: https://www.editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2014/Modalidade_1datahora_11_07_2014_11_50_54_idinscrito_4259_d6633dafa975ab2fa2bddbaf956c49b8.pdf Acesso em 07 de mar de 2025.

SANCHIS, Isabelle de Paiva; MAHFOUD, Miguel. Interação e construção: o sujeito e o conhecimento no construtivismo de Piaget. **Ciências & Cognição** 2007; Vol 12: 165-177, ISSN 1806-5821, 2007. Disponível em: <https://pepsic.bvsalud.org/pdf/cc/v12/v12a16.pdf> Acesso em 05 de mar de 2025.

SPRICIGO, Cinthia Bittencourt. **Estudo de caso como abordagem de ensino**. PUCPR, 2017, p. 1-4. Disponível em: <https://www.pucpr.br/wp-content/uploads/2017/10/estudo-de-caso-como-abordagem-de-ensino.pdf> Acesso em: 20 set. 2023.